
Apresentação do dossiê "Cenas musicais: performances artísticas, consumos e estilos de vida II"

Paula Guerra

Professora de Sociologia da Universidade do Porto, Portugal. Investigadora Coordenadora do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto. Investigadora Associada do Centro de Estudos de Geografia e do Ordenamento do Território (CEGOT) e do Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» CITCEM). Adjunct Associate Professor do Griffith Centre for Social and Cultural Research (GCSCR). Cooordenadora dos Grupos de Pesquisa CNPC "Todas as Artes" e "More Than Loud", Brasil. Cofundadora e cooordenadora da Rede Todas as Artes e da revista daí surgida. *E-mail*: pguerra@letras.up.pt.

João Bittencourt

Professor vinculado ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas, onde atua nos cursos de graduação em Ciências Sociais (Bacharelado e Licenciatura) e nos Programas de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia Social. Possui Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (2011). É membro fundador da REAJ - Rede de estudos e pesquisas sobre ações e experiências juvenis e é pesquisador do LACC - Laboratório da Cidade e do Contemporâneo. É autor do livro "Sóbrios, firmes e convictos: uma etnocartografia dos straightedges em São Paulo (Anablume, 2015).

E-mail: joabitt.cs@gmail.com

Sabemos a importância da localização das manifestações (sub)culturais num território, num contexto, num lugar. O conceito de cena cultural desenvolve-se a partir dos conceitos de *campo*, inicialmente proposto por Pierre Bourdieu, e de *mundos da arte*, avançado por Howard S. Becker (cf. Bennett e Peterson, 2004, p. 3). De acordo com vários autores, este conceito consegue articular bem as dimensões local e global das dinâmicas culturais e artísticas contemporâneas. Ele surge no âmbito das teorias apelidadas de *pós-estudos subculturais*, para designar determinados *clusters* de atividades socioculturais, as quais se agregam pela sua localização (normalmente um bairro, cidade ou área urbana) e/ou pelo tipo de produção cultural (por exemplo, um estilo de música) (Guerra e Quintela, 2016 e 2018). O trabalho de Will Straw (1991 e 2006) foi fecundo aqui. Ele construiu uma análise sofisticada da interação da música com o gosto e a identidade, explorando a ideia de translocalismo – isto é, que *clusters* de agentes musicais geograficamente dispersos podem envolver-se em práticas culturais coletivas graças à capacidade de a música transcender as barreiras físicas. A partir de então, o conceito tem vindo a ser cada vez mais utilizado em análises sobre a produção, performance e receção da música, envolvendo coordenadas de tempo e espaço.

O espaço é mesmo um fator crítico na abordagem das cenas musicais. As práticas e as suas inter-relações inscrevem-se no espaço e nele se articulam com outros processos sociais. As cenas culturais têm um caráter muito urbano (Guerra, 2013 e 2010), mas não se reduzem à cidade. Devido às tecnologias de comunicação e à mobilidade dos suportes físicos – como cassetes, CD, Vinil, etc. –, bem como por causa dos concertos e tournées, os limites de cada cena alargaram-se. Por um lado, mais pessoas acedem a suportes de música gravada, por exemplo. Por outro, a tecnologia atual, para além de tornar os processos mais acessíveis, garante uma qualidade semelhante aos antigos processos de gravação. Assim, músicos e bandas não precisam mais de ter o apoio das grandes editoras para receber a atenção do público, conseguindo fazer tudo autonomamente, desde a gravação até à própria divulgação das suas músicas.

Com o desenvolvimento da Internet, a comunicação entre as bandas e os fãs tornou-se mais fácil. Este contexto acelera o dinamismo das cenas – o seu surgimento, desenvolvimento e até desaparecimento; e as cenas podem surgir quer nos meios urbanos, quer em meios rurais e em áreas de contiguidade rural-urbana, podem surgir quer nos centros quer nas periferias. Aliás, a vinculação entre cena e localização física deixou de ser tão evidente. Hoje, uma cena cultural pode ser translocal ou até, sobretudo, virtual (Bennett e Peterson, 2004).

Como podemos notar, o estudo sobre Cenas Musicais é bem abrangente, abordando questões que podem ser lidas sob uma perspectiva macro (mercados, consumo globalizado, fluxos comunicacionais, etc.) ou micro (performances artísticas, estilos de vida, etc.), sem perder de vista que muitas pesquisas privilegiam ambas as abordagens. O dossiê "Cenas musicais, consumos e estilos de vida" em seu segundo número contempla artigos que trabalham nessa "zona intermediária", destacando a agência dos indivíduos, no que diz respeito a ênfase nos aspectos das apropriações criativas realizadas por estes, contudo, sem dispensar o impacto das estruturas sobre a formação das práticas e dos gostos. São seis artigos de pesquisadores e pesquisadoras de diferentes regiões e instituições do país, que mostram a relevância dos estudos sobre cenas musicais no campo das Ciências Sociais e Humanas.

Abrindo o número temos o artigo do historiador Roberto Camargos, intitulado "**Percursos e discursos da identidade negra no rap: música popular e questões raciais no Brasil, 1988-2018**". Apoiado em pesquisa historiográfica e baseado nos aportes teóricos da História Cultural e dos Estudos Culturais o texto versa sobre as narrativas do rap brasileiro nas últimas três décadas, destacando como a luta contra o preconceito racial e a positivação dos valores que compõem a identidade negra se expressam como a base da poética e da cultura do rap no país.

Na sequência temos o trabalho "**Faça você mesma!: #Riot Grrrl e as estratégias de Femvertising no Instagram**", das pesquisadoras Gabriela Gelain e Luiza Bittencourt. O artigo que resulta de uma pesquisa exploratória em perfis de empresas que utilizam a rede social Instagram, busca entender como estas se apropriam de categorias do discurso feminista para impulsionar as vendas de seus produtos. Dentre os achados, as autoras destacam que o uso da hashtag #riotgrrrl não é feito somente por empresas que se relacionam com a cena punk feminista, esta também é utilizada por empresas neutras que possuem o objetivo de expandir a sua rede de consumidores.

Em seguida temos o artigo "**Políticas de estilo nas cenas musicais: contribuições teórico-metodológicas**" da professora da Universidade Federal do ABC, Luciana Xavier de Oliveira. O texto é resultado de uma pesquisa que se volta para a análise da formação do gosto no espaço urbano a partir de uma abordagem semiótica e comunicacional. No trabalho apresentado no dossiê, a autora privilegia aspectos metodológicos, direcionando sua atenção para a utilização do conceito de estilo subcultural de Dick Hebdige, como uma ferramenta importante para o estudo das cenas musicais.

Da sala de concerto ao estúdio eletroacústico: mudanças na cena cultural musical de Nova York no pós-guerra, de Cláudio de Melo Filho e Paula Guerra, se debruça sobre as modificações de ordem estrutural que permeiam os locais de execução de música, sejam aqueles reconhecidamente tradicionais ou os que se direcionam para o novo experimentalismo, o que tem impacto de maneira considerável os modos de apreciação da música. Em tom ensaístico, os autores buscam analisar essas mudanças voltando sua atenção para as salas de concertos, os estúdios eletroacústicos e as rádios, mostrando a difusão massiva da cultura musical sinfônica.

Partindo da análise de um documento produzido pelo letrista e escritor Paulo Coelho, parceiro de Raul Seixas e um dos escritores brasileiros mais lidos no mundo todo, o historiador Stênio Ronald Mattos Rodrigues busca refletir sobre a relação entre artistas e gravadoras ao longo dos anos 1970 em seu artigo "**Indústria fonográfica, música e mercado: uma análise reflexiva sobre o estudo de Paulo Coelho acerca da relação entre artistas e gravadoras na década de 1970**". De acordo com o historiador, a ideia é buscar um maior entendimento de aspectos gerais compartilhados pelos grupos artísticos, bem como o *modus operandi* das gravadoras em relação a gestão das carreiras profissionais dos músicos.

Com o olhar direcionado para as práticas de adeptos do estilo de vida gótico na cidade de Fortaleza, Stephanie Holanda Ponte Ribeiro, nos apresenta uma etnografia da festa "Dança das Sombras", tradicional evento de música gótica e pós-punk do calendário cearense. Sob o título

“Cartografias do sombrio: performances, relações e afetos no evento dança das sombras em Fortaleza (CE), o artigo tem como fio condutor as performances dos jovens afinados com o universo gótico, expressadas através dos gestos ritualizados, vestimentas, acessórios e maquiagens que acompanham os adeptos em contexto de festa.

Encerrando o dossiê temos o artigo **"Performance, estilo e gênero no 'rolê' riot grrrl do Rio de Janeiro"**, de Patrick Monteiro do Nascimento Silva. O trabalho em questão resulta de uma pesquisa etnográfica desenvolvida com garotas adeptas do estilo de vida Riot Grrrl na cidade do Rio de Janeiro, entre os anos de 2015 e 2018. Através de incursões em shows, entrevistas e rodas de conversa, o pesquisador conseguiu fazer uma imersão no microcosmo das jovens e mostrar que, além das discussões sobre gênero tradicionalmente apresentadas pelo movimento nas diferentes partes do mundo, o grupo estudado demonstrou uma “renovação de suas pautas”, incorporando temas como corpo, raça e sexualidade, através de um olhar do feminismo interseccional.

Esperamos que esse dossiê sirva de inspiração para outros pesquisadores e pesquisadoras que pretendem se aventurar nos estudos das cenas musicais.

Boa leitura para todos/as.

Referências bibliográficas

BENNETT, Andy e PETERSON, Richard A. (eds.). *Music scenes: local, translocal and virtual*. Nashville: Vanderbilt University Press, 2004.

GUERRA, Paula. *A instável leveza do rock. Gênese, dinâmica e consolidação do rock alternativo em Portugal (1980-2010)*. Porto: Edições Afrontamento, 2013.

GUERRA, Paula. *A instável leveza do rock: gênese, dinâmica e consolidação do rock alternativo em Portugal (1980-2010)*. Tese de Doutorado em Sociologia. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010. URL: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/56304>.

GUERRA, Paula; QUINTELA, Pedro. Culturas urbanas e sociabilidades juvenis contemporâneas: um (breve) roteiro teórico. *Revista de Ciências Sociais, Fortaleza*, v. 47, n. 1, p. 193-217, 2016. URL: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/5684/4079>.

GUERRA, Paula; QUINTELA, Pedro. O resto ainda é Hebdige: introdução. In: HEBDIGE, Dick. *Subcultura: o significado do estilo*. Lisboa: Maldoror, 2018. p. 5-71.

STRAW, Will. Scenes and Sensibilities. *E-Compós*, v. 6, p. 1-16, 2006. DOI: <https://doi.org/10.30962/ec.v6i0.83>.

STRAW, Will. Systems of articulation, logics of change: communities and scenes in popular music. *Cultural Studies*, v. 5, n. 3, p. 368-388, 1991. DOI: <https://doi.org/10.1080/09502389100490311>.